

CADERNOS DE GEOGRAFIA

NÚMERO ESPECIAL

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
com a colaboração do Centro de Estudos Geográficos

FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ACTAS DO PRIMEIRO COLÓQUIO DE GEOGRAFIA DE COIMBRA
COIMBRA 1996



CONDICIONALISMOS FÍSICO-GEOGRÁFICOS NA ORIGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE COIMBRA

Fernando Rebelo*

1. Tanto pelo seu passado, como pelo seu presente, Coimbra é, sem dúvida, a mais importante cidade do centro de Portugal.

A sua história remonta há mais de dois mil anos, quando os romanos lhe chamavam *Aeminium*. Destruído o Império Romano, cristianizados os conquistadores bárbaros, instalado o Bispado vindo de Conímbriga, a cidade modificou-se.

Os muçulmanos habitaram-na, já o seu nome era praticamente igual ao de hoje. Os primeiros quatro reis portugueses deram-lhe honras de capital. D. Dinis escolheu-a para sede da Universidade, em 1308, depois de uma curta experiência lisboeta (1290-1308). Mas foi D. João III quem trouxe a Universidade, em definitivo, para Coimbra, no ano de 1537, depois de, à semelhança de outros casos conhecidos na Europa, ter alternado a sua localização entre Coimbra e Lisboa.

Actualmente, com cerca de cem mil habitantes, a que se têm de acrescentar muitos dos vinte mil estudantes universitários provenientes de todo o país, alguns mesmo do estrangeiro, mais alguns milhares de estudantes do ensino superior politécnico e do ensino secundário, Coimbra é uma cidade diferente das outras cidades portuguesas, voltada em especial para os serviços e para o comércio.

Mas a sua importância não lhe vem apenas da Universidade e das demais escolas de ensino superior e secundário. Nem do facto de nele se ter desenvolvido um importante pólo de saúde...

2. Coimbra é capital de um distrito rico em contrastes e, hoje como ontem, apresenta-se com uma situação privilegiada no contacto de regiões diversas ligadas entre si pelo Mondego, o rio da cidade, o maior rio nascido em Portugal, rio que em tempos chegou a ser navegável em aproximadamente 80 Kms do seu percurso - cerca de 40 de Coimbra para o interior, cerca de 40 de Coimbra para o litoral.

Assim, para Leste de Coimbra, predominam as serras e os planaltos do interior, onde tradicionalmente se explo-

rava a floresta e donde chegavam, além da lenha, produtos relacionados com a criação de gado ovino e caprino. Para Oeste, predominam as colinas e as planícies do litoral, donde chegavam produções de tipo mediterrâneo, como o vinho e o azeite, e a partir de certo momento também o milho; mas para Oeste fica igualmente o Oceano donde vinham o peixe e o sal.

O rio foi, portanto, fundamental para a localização da cidade, que se instalou e cresceu sobre uma colina geminada dominando-o pela sua margem direita. No cimo, onde antes tinha estado a alcáçova mourisca, depois o Paço Real, impõem-se, desde o século XVI, os mais velhos edifícios da Universidade. A muralha medieval, de que já pouco resta, demarcava a parte da área urbana a que continua a chamar-se a *Alta*. As suas portas, das quais apenas a de Almedina chegou até aos nossos dias, não atingiam a planície de inundação onde progressivamente se foram construindo casas até junto do leito ordinário do rio. As cheias do Mondego, frequentes e por vezes catastróficas, penetravam nessa parte, inicialmente considerada fora da cidade, a *Baixa*, depositando toneladas e toneladas de sedimentos, muitos dos quais foram levantando ruas e enterrando casas e igrejas. Em épocas mais pluviosas, pequenas cheias podiam repetir-se no mesmo ano e, de tempos em tempos, grandes cheias podiam demorar vários dias.

O Mondego, talvez o motivo maior para a explicação da existência de Coimbra, constituiu-se, sem dúvida, também, como primeiro grande condicionalismo de ordem geográfica ao desenvolvimento da cidade. O seu encanamento minorou os problemas e a Baixa depressa se transformou no verdadeiro centro comercial e administrativo da cidade. No entanto, só a construção de barragens (Aguieira e Raiva) veio a "domesticá-lo" na década de 80 do nosso século. Hoje o Mondego, em Coimbra, praticamente não existe - no seu lugar está um "plano de água" criado pela pequena barragem chamada "Açude-ponte", construída a Norte do centro da cidade, que não permite sequer imaginar o que ali se passava de extremo, com um leito de areias em tempo de seca, no Verão, e pontas de cheia, no Inverno, que podiam atingir 3000 m³ por segundo. No entanto, mesmo sem cheias, mantém-se um certo condicionalismo - para o atravessar

* Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

são necessárias pontes e as duas existentes na área urbana central são manifestamente insuficientes.

3. Falar em Coimbra é também falar numa certa “magia” urbana. A “magia” de Coimbra vem-lhe das características muito próprias da vida académica relacionada com a velha Universidade, liga-se muito também à natureza que lhe deu os lugares míticos que os estudantes cantaram nos seus fados e baladas.

Diz-se, por exemplo, que Coimbra vai “do Choupal até à Lapa”. O Choupal, a Noroeste da cidade na margem direita do Mondego, deve quase tudo à mão do homem; foi plantado para ocupar áreas alagadiças, ajudando na luta contra as cheias. Pelo contrário, a Lapa dos Esteios, a Sudoeste, na margem esquerda, também trabalhada pelo homem em termos de arranjo paisagístico, é a parede quase vertical da margem côncava de um meandro que o rio desenvolveu em certo momento da sua história.

Outro lugar mítico da academia coimbrã é o Penedo da Saudade. Mas, se hoje o Mondego ainda passa mesmo ao lado da Lapa, tal já não acontece há dezenas de milhares de anos na base do Penedo da Saudade; ajardinado e acarinhado pelo homem, o Penedo é também um belo miradouro para toda a parte oriental da cidade permitindo ver como ela já substituiu completamente os olivais do vale abandonado do Mondego na área do Estádio Municipal, mas também como ela vai subindo cada vez mais pelas vertentes do Maciço Marginal.

Choupal, Lapa e Penedo são pequenos mas belos condicionalismos ao desenvolvimento da cidade - a avaliar pelo que se tem visto nas suas proximidades, quantos empresários não gostariam de os ver disponíveis para construção... O Choupal, ali tão perto da estação de caminho de ferro... particularmente aliciante quando lhe morreram centenas de árvores devido à descida do manto freático em função das obras de regularização dos inícios dos anos oitenta ... E a Lapa... e o Penedo da Saudade ... a verticalidade das vertentes agora também se resolveria com facilidade... Esperemos que hoje, como no passado, continuem os condicionalismos ao desenvolvimento urbano, embora por motivos diferentes, ou seja, hoje já não por causa das inundações, no caso da área onde foi plantado o Choupal, ou por causa da verticalidade, no caso da Lapa e do Penedo, mas pela beleza e significado cultural desses locais.

4. Menos cantados, outros lugares fazem parte do imaginário de quem alguma vez passou por Coimbra. É a Quinta das Lágrimas, na margem esquerda do Mondego, ligada pela lenda ao drama “daquela que depois de morta foi rainha”, Inês de Castro. É, também, o Penedo da Meditação, a Norte, vertente rochosa da margem direita

da ribeira de Coselhas, como é o Parque Dr. Manuel Braga, também chamado Parque da Cidade, mesmo no centro, junto ao rio, e o Parque ou Mata de Santa Cruz, também chamado Parque da Sereia, com as suas árvores centenárias a recordarem um velho limite da cidade que era a mata do Mosteiro de Santa Cruz.

Todavia, o mais famoso de todos os espaços verdes de Coimbra, é indubitavelmente o Jardim Botânico, nascido da Reforma Pombalina da Universidade, no séc. XVIII e que hoje continua a ser um dos mais belos do mundo.

Destes cinco sítios, hoje cercados no interior da cidade, pode dizer-se que os três primeiros se diferenciam claramente dos dois segundos. Localizados na planície aluvial, mas suficientemente defendidos de eventuais cheias, a Quinta das Lágrimas foi recentemente (1994) integrada num espaço voltado para a hotelaria de qualidade e o Parque Dr. Manuel Braga continuará a constituir um património urbano e um pulmão unanimemente aceite. O Penedo da Meditação corresponde quase à mesma problemática do Penedo da Saudade embora com outra localização e menos emblemático do ponto de vista tradicional - em termos de uma eventual pressão urbanística, porém, a verticalidade das suas vertentes condicionará mais do que o sentido de património cultural.

Pelo contrário, o Parque de Santa Cruz e o Jardim Botânico, com a Mata que lhe sucede para jusante, correspondem a uma outra problemática - ambos ocupam vales que durante muito tempo condicionaram o crescimento da cidade.

A velha Mata de Santa Cruz desempenhava bem mais funções do que o actual Parque que dela ficou - para além de espaço de lazer e certamente de aproveitamento de lenha e mato, dificultava a fácil circulação das águas das chuvas em parte da bacia de recepção da Ribela, ou seja, da pequena torrente que ia passar ao lado da igreja de Santa Cruz, fortemente encaixada no seu canal de escoamento; durante séculos, em conjunto com a quinta que se lhe seguia para jusante, da parte de fora da muralha medieval, ela foi quase a fronteira norte da cidade.

O Jardim Botânico e a sua Mata desempenhavam uma função semelhante a sul da mesma muralha. A pequena torrente que ocupam é mais pequena do que a anterior e o seu canal de escoamento não é tão fortemente encaixado. No entanto, tal como no Parque de Santa Cruz, também aqui as águas não se organizam tão depressa quando da ocorrência de chuvas intensas podendo, mesmo, haver algum tempo para infiltração.

Desde há muito que nem o Parque de Santa Cruz, nem a Mata do Botânico condicionam o crescimento da cidade; não faltam técnicas capazes de ultrapassar os problemas colocados pelos declives ou pelas caracte-

rísticas hidrogeológicas das áreas em que se inserem. Aliás, basta ver as casas que se instalaram nas vertentes do canal de escoamento da Ribela ou a avenida com o jardim que lhe ocupou o fundo (Avenida de Sá da Bandeira).

No entanto, o condicionalismo continua - é a beleza das duas áreas verdes e a importância que ambas representam como pulmões da cidade. Não passará, certamente, pela cabeça de ninguém destruí-las para lá construir casas. Mas deverá passar pela cabeça dos responsáveis protegê-las dos vários riscos a que estão sujeitas. Não pensamos apenas nos riscos de incêndio que são reais e que obrigam a certos cuidados particularmente no Verão; há riscos climáticos, como secas prolongadas, ventos fortes, chuvas intensas ou trovoadas, que deverão ser equacionados no sentido de obviar às consequências que trazem quando se manifestam.

5. Os condicionaismos físico-geográficos na origem e no desenvolvimento da cidade de Coimbra foram, durante séculos, o rio Mondego, principalmente por causa das inundações, e as vertentes abruptas, pelas dificuldades colocadas à construção.

Quando tal se lhe revelou tecnicamente possível, o homem resolveu uma parte desses problemas com o encanamento do Mondego e com a plantação de árvores e arbustos, fosse junto ao rio, fosse em algumas dessas vertentes, que assim não perderiam tanto material como anteriormente, evitando o agravamento dos efeitos das inundações.

Mas a cidade cresceu muito na segunda metade do século XX. Ocupou, por exemplo, o meandro abandonado do Mondego na área da Arregaça, primeiro, e na área do Vale das Flores, depois, onde apenas se põem, ainda, alguns problemas de circulação de água à superfície, quando de chuvas intensas, e de abundância de água no solo, durante os invernos pluviosos, nos depósitos coluviais mais ou menos arenosos existentes no fundo do vale. Por outro lado, a cidade acabou mesmo por subir pelas

vertentes, por vezes abruptas, do Maciço Marginal, em direcção ao Vale de Canas e ao Dianteiro, ameaçando continuar a subir até cotas de 500 metros onde a aldeia do Roxo vai ganhando cada vez mais um aspecto urbano.

Quanto ao Mondego, os riscos hidrológicos, que, na Baixa, ainda se mantinham por meados dos anos setenta no respeitante às cheias, vieram a ser grandemente reduzidos com a construção de barragens a montante de Coimbra. Por outro lado, os condicionaismos resultantes dos fortes declives de algumas vertentes vieram a ser ultrapassados pelo aperfeiçoamento das técnicas de construção civil, a ponto de, hoje, se poder dizer que esses velhos condicionaismos físico-geográficos deram lugar, apenas, a condicionaismos de ordem cultural e económica.

BIBLIOGRAFIA

- MARTINS, Alfredo Fernandes (1940) - *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego*. Coimbra, Ed. do Autor, 299 p.
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1951) - "Esta Coimbra... Alguns apontamentos para uma palestra". *Boletim Comemorativo do VI Aniversário do Club Desportivo de Celas*. Coimbra. Separata, 60 p. Reimpressão: *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 1, 1983, p. 35-78.
- REBELO, Fernando (1985) - "Nota sobre o conhecimento geomorfológico da área de Coimbra (Portugal)". *Memórias e Notícias*, Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, 100, p. 193-202.
- REBELO, Fernando e DIAS, Pedro (1978) - *Coimbra e Região*. Coimbra, EPARTUR, 112 p.
- REBELO, Fernando; CUNHA, Lúcio e ALMEIDA, A. Campar de (1990) - "Contribuição da Geografia Física para a inventariação das potencialidades turísticas do Baixo Mondego". *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 9, p. 3-34.